

# Na guerra de batutas, alguns esclarecimentos

Orquestras sinfônicas, óperas e corpos de baile (balé clássico) são áreas da criação artística que dependem, em demasia, da ação protetora do Estado. Recentemente, o sociólogo paulista Sérgio Micelli, 39 anos, professor da Unicamp, ao dar conselhos ao Príncipe da Cultura, José Aparecido, avisou: "Cuidado com aqueles que sonham em fazer disso aqui uma Europinha, cultivando artes como a ópera e o balé, que não têm mais público".

O Príncipe seguir o conselho do intelectual, a ópera e o balé clássico morrerão à mingua, pois não conseguem sobreviver sem ajuda estatal. Estas considerações emergem a propósito da luta que se trava, neste momento, nos bastidores do mundo sinfônico, operístico e do corpo de baile brasileiros.

Com a ascensão de Pompeu de Souza à Secretaria de Educação e Cultura, e de Luiz Humberto à Fundação Cultura, vêm à tona discussões adormecidas, mas em estado latente: quem vai dirigir a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional? A Escola de Música de Brasília? A Temporada Lirica terá sequência? A nova FCDF bancará a montagem de até seis óperas e operetas por ano? O Corpo de Baile do Teatro Nacional continuará sendo uma extensão da Academia de Dança Clássica de Brasília?

Para estas perguntas só existe, por equanto, uma resposta: a Orquestra do Teatro Nacional será regida pelo maestro Cláudio Santoro, que retoma o cargo, depois de polêmica ausência, quando foi escolhido para substituí-lo o maestro Emílio de César.

A escolha divide os músicos. Outra qualquer também dividiria. Não há terreno mais pantanoso que o dos bastidores das sinfônicas, das óperas e dos balés clássicos. Se se escolhesse Jorge Antunes de Levino Alcântara ou Paulo Affonso de Moura, a briga seria igual. Não há consenso no mundo sinfônico brasileiro. Um maestro odeia o outro e não esconde isso, a não ser em horas oportunas.

## CARTAS

Na edição do **CORREIO BRAZILIENSE**, sábado, dia 13 último, publicamos detalhado e polêmico material jornalístico sobre a posse de Luiz Humberto na FCDF. O tema mais comentado da solenidade foi a intervenção do músico Paulo Affonso de Moura Ferreira.

Com o intuito de ir a camadas mais profundas da notícia, lançou-se mão, na edição do material, de magníficas montagens criadas pelo poeta e artista plástico Reynaldo Jardim, editor das páginas de Cultura do **CORREIO**.

Algumas pessoas (muitas, por sinal,) adoraram. Os elogios se multiplicaram pela cidade. Outras sentiram-se agredidas. Entre elas, o maestro Levino de Alcântara. Outros ainda como Paulo Affonso sentiram necessidade de "esclarecer pontos obscuros".

Abaixo, publicamos na íntegra a correspondência enviada por Levino Alcântara e Paulo Affonso de Moura Ferreira a Ari Cunha, diretor do **CORREIO BRAZILIENSE**.

Eis a carta de Levino de Alcântara:

"Escrevo-lhe porque, das pessoas que conheço que dirigem e escrevem em jornais, você é quem considero amigo.

Fiquei desolado com o jornal de sábado, onde num artigo que nada tem a ver comigo, sou colocado em situação ridícula numa montagem mal feita e de mau gosto, de pugilista em luta com o Santoro.

Nunca tive a menor discórdia com ele; se alguma coisa aconteceu somente ele poder dizer; comigo nada aconteceu!

Realmente não entendi esta perseguição, o por que desta insistência em provar e/ou provocar uma cisma, pois o único episódio menos agradável em nosso

Os maestros de Brasília vivem em eterna guerra, algo que chega a ser caso pessoal mas eles próprios não gostam de dar muita divulgação aos desentendimentos. Levino Alcântara e Paulo Affonso colocam novos ingredientes à mesa e protestam



relacionamento profissional, foi quando sua esposa — Gisele — a quem convidara para ser responsável de um curso de "ballet", quis transformar a Escola de Música em "Academia de Ballet".

Sempre procurei ajudá-lo sem ao menos haver uma discussão... Se você quiser, farei um relato minucioso das vezes que beneficiei profissionalmente, se bem que detalhes em nada contribuíram.

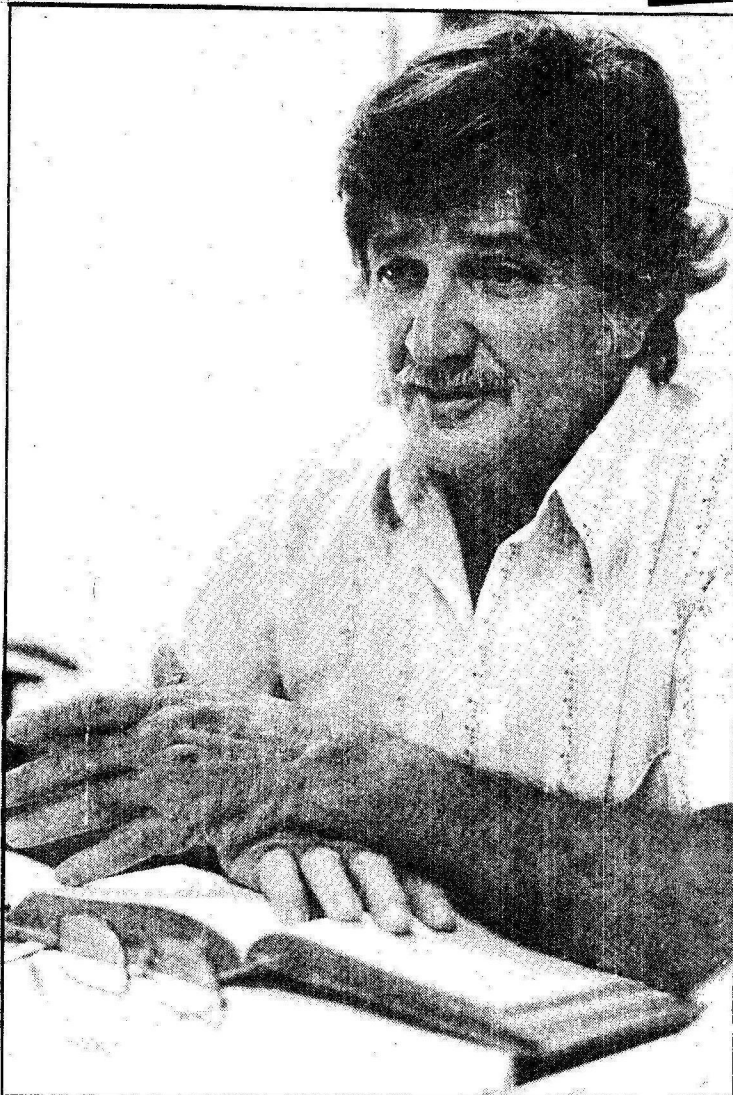
Depois de tanta luta, tantos anos de doação, sacrifícios, de servir a todos, recebo, na hora de minha saída e também de aposentadoria, lama de todos e de gente que nem sequer conheço ou que conhece meu trabalho.

Para mim, caro amigo, deixo que os "Salvadores" resolvam tudo e que os jovens possam saborear dessa "cultura" tão apreçoada.

Como se não fosse pouco, durante dois anos aproximadamente recebi cartas anônimas que guardo como documento, cujos envelopes, selagem e serviço gráfico foram pagos ou realizados na Câmara dos Deputados.

Eram distribuídos a granel e para muita gente... Foi simplesmente degradante... Pensei até em me aposentar... (o que acontecerá dentro de semanas, se Deus quiser!).

Meu amigo, não estou me defendendo, apenas me desabafando com você, que conhece o "métier" de jornal. Não quero polêmicas, o novo Secretário de Educação está aí, também os Diretores das Fundações estão com disposição para o trabalho! Então, que entrem, que realizem, que fa-



Levino se considerou ofendido com a foto-montagem do **CORREIO**

çam algo, que a população lucrará com o esforço proposto.

Para se crescer, não se faz necessário destruir ninguém! A receita é simples: é somente trabalhar e acreditar em nosso Brasil, como eu e os outros fizemos!

Certo que você me compreenderá e me fará justiça, envio um grande e forte abraço".

**PAULO AFFONSO**

Anexo à íntegra de seu pronunciamento na posse do novo diretor da FCDF, Paulo Affonso enviou ao jornalista Ari Cunha, a seguinte carta: "Por sugestão de amigo comum, encaminho a Vossa Senhoria, em anexo, a íntegra do pronunciamento fiz por ocasião da transmissão do cargo de diretor-executivo da Fundação

Cultural do DF. Ainda hoje (15 de abril) estive no programa **Brasília Urgente**, do Canal 6, explicando alguns pontos que não ficaram claros, ou foram omitidos, nas notícias veiculadas por jornais locais. Notadamente, como se pode deduzir do meu pronunciamento, não falei em nome de nenhuma entidade ou organização, mas atendendo apelo de numerosos colegas que temem represálias. E não me posicionei contra ou a favor de qualquer nome: reivindiquei aplicação dos processos democráticos anunciados pela SEC/GDF também na área da música, na Orquestra e na Escola de Música de Brasília.

Aproveito para anexar a esta, uma circular da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea,

## A despedida de Emílio de César

A despedida do maestro Emílio De Cesar da Orquestra do Teatro Nacional de Brasília será no concerto marcado para sábado, às 21 horas, na Sala Villa-Lobos. No primeiro ensaio para esse concerto, o maestro Emílio De Cesar comunicou sua saída do cargo de regente titular da OTNB, no qual será substituído por Cláudio Santoro, a quem elogiou como um nome significativo da música em nosso País e para quem pediu da orquestra a mesma dedicação e o mesmo carinho a ele dispensados durante estes quatro anos. Na ocasião

houve uma palavra de amizade, dita em nome de todos os músicos da orquestra, pela violinista Angela Guimarães Mendonça. Ela fez discurso destacando a forma como o maestro Emílio De Cesar se portou perante a orquestra e a seriedade do seu trabalho, ressaltando os seus méritos profissionais.

O programa do concerto deste sábado compreende: de Neuza França, um hino à cidade de Juscelino, com orquestração de Francisco Mignone, de J. S. Bach, nas comemorações do Ano Bach, a Sinfonia nº 1, em Dó Maior, de Beethoven a abertura

"Egmont" e o Concerto nº 1, para piano e orquestra, sendo solista Alda Matos Righini, e a obra de Francisco Mignone, o "Leilão".

O maestro Emílio De Cesar seguirá, no dia 4, para os Estados Unidos, onde regerá a Orquestra Sinfônica de Sheboygan, em Milwaukee, e logo em seguida regressará ao Brasil, indo diretamente para São Paulo, a fim de reger um concerto com a Orquestra Sinfônica Estadual, cujo regente titular e diretor artístico é o maestro Eleazar de Carvalho, seu tio.

na qual é mencionada a eleição de sua nova Diretoria. (N. R. Eis os nomes dos membros da direção da SBMC: Paulo Affonso de Moura Ferreira, presidente; Ronaldo Miranda, vice; Guilherme Bauer, secretário; e Cirlei Moreira Hollanda, tesoureira).

Aproveito para reiterar as expressões de consideração e estima, com que me subscrevo. Atenciosamente".

Eis a íntegra do pronunciamento de Paulo Affonso na solenidade de posse na FCDF:

"Peço a palavra, quebrando talvez o protocolo, mas atendendo aos pedidos de participação e colaboração formulados pela Nova República e reiterados pelo Dr. Pompeu de Souza, Secretário da Educação e Cultura, e pelo novo Diretor-Executivo da Fundação Cultural do DF., Luiz Humberto.

Meu nome é Paulo Affonso de Moura Ferreira, e sou membro do Conselho Regional do D.F. da Ordem dos Músicos do Brasil. Nessa condição, de Conselheiro da OMB, tenho sido procurado por numerosos colegas músicos da Orquestra do Teatro Nacional, e professores e estudantes da Escola de Música de Brasília.

Esses músicos pediram-me que fosse seu porta-voz, uma vez que se sentem marginalizados, coagidos e ameaçados. Esses meus colegas pedem ao ilustre Secretário da Educação e Cultura que a área musical de Brasília não seja excluída dos ideais de participação e democracia, anunciados pela nova administração. Falando bem concretamente, os músicos de Brasília lamentam que decisões fundamentais estejam sendo tomadas à sua revelia. Assim é que, a pretexto de reparar uma única hipotética injustiça, pretende-se nomear determinado compositor para o posto de regente-titular da Orquestra do Teatro Nacional, injustificando-se dessa forma, a vontade e o direito de opinião dos setenta músicos que a integram. Pior ainda, para sobre nossa cidade a amarga ameaça de se tornar uma capitania hereditária em termos musicais: ao que consta, esse compositor tenta indicar sua esposa para dirigir a Escola de Música de Brasília.

Ora, no momento em que a Secretaria da Educação e Cultura anuncia que caberá aos professores importante participação na escolha dos Diretores das escolas em que trabalham, não é possível acreditar que isso não se aplique à Escola de Música de Brasília. Assim, Dr. Pompeu de Souza, Prof. Luiz Humberto, apelo para suas convicções democráticas: consultem os músicos da Orquestra, e os professores da Escola de Música e, porque não os três mil alunos e suas famílias, sobre a melhor solução para essas instituições.

Finalizando, para que os citados ideais de participação e democracia anunciados pela Nova República não permaneçam apenas uma figura de retórica, é imprescindível que essas consultas sejam feitas de maneira tal que os músicos, professores e estudantes possam se expressar livremente, a salvo de pressões e ameaças de perseguições e represálias, que já estão sendo feitas.

Era o que tinha a dizer. Obrigadíssimo".

